

## O FAZER CRÍTICO E FICCIONAL DOS CONTISTAS DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO *MINAS GERAIS*

**Viviane Monteiro Maroca (UFMG)**

Este estudo tem como fonte primária o Suplemento Literário do diário oficial do estado de Minas Gerais, o *Minas Gerais*. Aquele foi criado no intuito de se “amenizar a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de literatura” (WERNECK, 1992, p. 178) e, para tanto, a tarefa de dirigi-lo foi designada ao escritor Murilo Rubião, que permaneceu como secretário de redação até 1969. Alguns nomes estão intimamente ligados à concepção do jornal, dentre eles ressaltamos o do poeta Affonso Ávila, do escritor Rui Mourão, o da crítica e poetisa Laís Corrêa de Araújo, e, ainda, Maria Luísa Ramos, Fábio Lucas, Bueno de Rivera, Ayres da Matta Machado Filho. A circulação do jornal era ampla e o fato de este suplemento estar vinculado ao governo do estado não foi um empecilho para que textos de vanguarda e uma ousada crítica, acadêmica ou impressionista, se desenvolvessem a partir dele, até o ano de 1975, quando a censura se tornou mais evidente no jornal. Rubião proporcionava a escritores jovens um espaço para que publicassem seus contos e poemas, em cada número do jornal vinham, pelo menos um conto e um poema. Pode-se notar que o conto que, como afirmara Laís Corrêa de Araújo, a partir daquele mesmo jornal, “escapou para tornar-se um texto inventivo, autônomo, tão importante e significativo quanto qualquer obra ficcional de maior contextura” (ARAÚJO, 1979, p.6), foi o gênero literário sobre o qual mais se discutiu teoricamente naquele espaço.

Alguns escritores têm a gênese de suas carreiras ligada a este semanário. Alguns alcançaram reconhecimento nacional, outros permaneceram no anonimato. Para listar alguns, destaco os nomes de Duílio Gomes, Jaime Prado Gouvêa, Wander Piroli, Lucienne Samôr, Sérgio Sant’Anna, Luis Gonzaga Vieira, Humberto Werneck, Luiz Vilela. Em meus levantamentos, estes foram os contistas *novos* que publicaram mais frequentemente no jornal e sobre os quais mais se falou ali. Somam-se, ainda, àqueles nomes, aproximadamente outros 185, que publicaram poucas ou apenas uma vez no semanário, dado que reitera a acessibilidade que aquele jornal provia aos novos escritores.

Estes dialogaram com as teorias do conto tradicional, feito passível de ser notado através da crítica e da ficção que ali publicaram, e se empenharam em romper com a tradição pregressa da literatura brasileira em um contexto político delicado para o país, impondo novas condições criativas para esta geração de escritores. Este estudo visa trazer à luz os principais elementos teórico-críticos apontados por estes contistas nas séries publicadas no Suplemento Literário do *Minas Gerais* (SLMG).

*Os novos* foi uma expressão largamente utilizada, naquela época, para se falar dos jovens escritores que surgiam, não se referindo apenas aos escritores mineiros ou àqueles que publicaram no SLMG. Como se poderá ver na série *Os novos de toda parte*, o empenho de ruptura, presente naquele momento, foi um fator ocorrido no âmbito da literatura nacional.

É interessante notar que a expressão era adotada para além das páginas do SLMG, como no caso do crítico e escritor Assis Brasil, quem lançou, no princípio da década de 1970, uma série de livros sobre a nova literatura, abrangendo a poesia, o romance, o conto e a crítica. Nesta obra, o adjetivo *novo* também é substantivado para se referir aos escritores, e o crítico aborda o tema como um fenômeno nacional. Embora os autores estudados não apreciem este nome para tratá-los como um grupo, já que não se vêem jovens hoje, mais de quarenta anos depois do início da publicação do jornal, chamá-los de *novos* não é apenas uma referência à sua faixa etária, mas ao caráter de sua literatura.

O crítico e escritor Assis Brasil enxerga na geração de escritores que surgiu nos fins dos anos 60 e início dos 70 frutos de um trabalho que começara a ser feito em fins da década de 1950. No terceiro volume de sua *História Crítica da Literatura Brasileira*, Brasil aponta que, embora os Contos de Murilo Rubião, Jones Rocha e Breno Accioly trouxessem um caráter de novidade, é com a obra *Contos de Imigrante*, de Samuel Rawet, de 1956, que “aquela história linear, de começo meio e fim, prima pobre da novela e do romance, quebrava sua feição tradicional em busca de outros valores formais e [...]o conto adquiria uma forma autônoma, não mais ligado ao convencional do enredo.” (BRASIL, 1975, p.15) É à *quebra do enredo* que Brasil atribui a nova feição do conto brasileiro. O autor ainda traz uma seleção de contistas brasileiros. Dentre eles estavam Luiz Vilela e Sérgio Sant’Anna, que têm seus nomes ligados ao Suplemento Literário do *Minas Gerais*.

O abandono da temática regionalista, com um tom notadamente populista e composta por formas longas, conduziu a uma literatura, em um primeiro momento, imediatamente após 1964, ainda de caráter

esquerdizante, ligada ao movimento cepecista, como descreveu Heloísa Buarque de Hollanda (Cf. HOLLANDA, 1980), para culminar em uma poética da alienação, na qual o sujeito se vê à procura de algo que lhe fora tomado. Sua literatura, contudo, não se presta a *erguer bandeira* em favor de causas políticas ou sociais. A ânsia por libertar-se dos limites impostos fica clara, não somente na produção ficcional dos *Novos*, como também na produção ensaística. Se a “fase de ouro do romance” leva à exaustão da *forma*, como apontavam estes jovens escritores, a escapada para um outro gênero, que vinha trazendo trabalhos bastante singulares no cenário da literatura nacional, desde 1957, como salienta Assis Brasil, na supracitada obra, mostrou-se a eles como a alternativa possível. O conto reflorescia e encontrava novas nuances a partir da escrita de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Murilo Rubião, Samuel Rawet, Jones Rocha, entre outros<sup>1</sup>.

Contudo, existe uma outra discussão em torno da popularização do gênero sob a perspectiva de sua recepção. Silviano Santiago, no ensaio *Vale quanto pesa*, de sua obra homônima, no qual discute a questão de o leitor de ficção não estar desvinculado de um cosmopolitismo cultural burguês, e o objeto livro ser inacessível à maioria da população brasileira, situando essa discussão na década de 1970 (embora a situação não seja diferente atualmente, na primeira década do século XXI), salienta que o conto é o gênero predileto de leitura:

Temos assim um público de ficção reduzidíssimo, ao mesmo tempo sofisticado e conservador, petulante e cosmopolita, e ultimamente apressado. Público que hoje se dá os ares de viver na grande metrópole, onde *time is money*, dedicando maior simpatia às narrativas curtas (o conto), ou mesmo a esta subliteratura desenvolvimentista que é a crônica de revista ou de jornal, reunida posteriormente em livro, servindo de pasto para os nossos indigentes alunos de ginásio e suas deslumbradas professoras.<sup>2</sup>

Essa discussão também esteve presente no *Suplemento*, acompanhada ainda de outro aspecto: o mercado editorial de então. Em um ensaio de nome *Um país de contistas*, de Jorge de Souza Araújo, de janeiro de 1981, o autor diz:

Costuma-se afirmar, hoje em dia, no Brasil, que este é um país de contistas, como já fora antes país de sonetistas. A afirmação aparece freqüentemente sob uma camada irônica, quando não revestida de forte preconceito contra o cada vez maior número de ficcionistas da história curta entre nós. Ironia e preconceito de fora, é importante registrar o crescente volume de contos e contistas em atividade no Brasil, muitos sem grande talento, outros testemunhando os tempos de violência e horror na hora presente, a maioria certamente contribuindo para a popularização do gênero e sua aceitação progressiva por parte do esquivo leitor.<sup>3</sup>

Além disso, Araújo aponta que esse *esquivo leitor*, que em geral consumia *Júlias e Sabrinhas* ou *best-sellers*, “impostos pelas multinacionais do livro”, agora compra as “humildes edições”, financiadas pelos próprios autores, e que, por isso mesmo, são breves. Assim como Santiago, o autor também realça o fato de os leitores procurarem narrativas curtas por não terem tanto tempo disponível para leitura, e que um volume grande geralmente é deixado de lado. Desse modo, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* contribuiu para uma maior divulgação do gênero, por ter contos presentes em todos os seus números e, além disso, por fomentar a discussão e o debate sobre ele em seu espaço. Mais de 60 artigos versaram exclusivamente sobre o conto até 1975. Não estão incluídos nesse número artigos sobre a obra de algum contista especificamente, nos quais freqüentemente havia algo a se discutir acerca do gênero. Tampouco estão incluídas as séries, sempre polêmicas, nas quais se faziam presentes certames nos quais os próprios ficcionistas discutiam sua concepção de conto.

Estes ensaios e artigos traziam os pontos de vista dos autores do SLMG, mas era possível notar como o gênero era visto em uma perspectiva maior através das séries de ensaios ou entrevistas. Partindo das séries, foi possível estabelecer a maneira que os ficcionistas daquele momento lidavam com as teorias tradicionais e as novas tendências do conto. São elas *O escritor mineiro quando jovem*, *Os novos de toda parte*, *O conto atual*, *Situação do conto brasileiro moderno*, *O fantástico no conto brasileiro contemporâneo* e *O conto brasileiro contemporâneo*. As três primeiras séries, publicadas no SLMG entre 1969 e 1970, são particularmente importantes por se situarem temporalmente no período de gênese daquela nova literatura. Elas vinham para apresentar novos escritores e mostrar sua concepção de literatura, indicando o princípio de

<sup>1</sup> Este artigo surgiu a partir do segundo capítulo da dissertação de mestrado: “Nos rastros dos *Novos*: o fazer crítico e literário dos contistas do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966-1975)”, e os elementos atinentes à discussão acerca do reflorescimento do conto, no âmbito da literatura brasileira, estão presentes no Capítulo 1 do mesmo trabalho.

<sup>2</sup> SANTIAGO, 1982, p. 27.

<sup>3</sup> ARAÚJO, 1981, p.9. Embora este artigo tenha sido publicado na década de 1980, indo além do recorte de tempo selecionado para este trabalho, sua escolha se deu em função da matéria por ele discutida.

uma consciência de geração. As outras três, contudo, têm caráter revisionista e foram publicadas no semanário já na década de 1980.

### 1. *O escritor mineiro quando jovem*

A primeira das séries, composta por artigos criados a partir das entrevistas, realizadas por Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa e/ou Carlos Roberto Pellegrino, atinha-se aos escritores de Minas Gerais, nem todos contistas. Trazia elementos biográficos de cada escritor, falava de suas obras, publicadas ou não, e, sobretudo, de sua concepção de literatura. *O escritor mineiro quando jovem* foi composta de 14 números e não tinha uma frequência definida. Algumas entrevistas até foram publicadas em um mesmo número do SLMG. Elas tratavam da obra dos escritores Luis Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Carlos Roberto Pellegrino, Libério Neves, Joaquim Branco, Lázaro Barreto, Márcio Sampaio, Sebastião Nunes, José Francisco Rezek, Wladimir Diniz, Ronaldo Werneck, Sérgio Tross, Harley Carneiro e P.J. Ribeiro e foram publicadas entre julho de 1969 e janeiro de 1970.

Em 1965 surge, em Belo Horizonte, uma revista de contos de nome *Estória*. Foi publicada até 1967 e teve seis números, e a maioria desses escritores, que teve sua origem em *Estória*, associa-se ao grupo de colaboradores do Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Sérgio Sant'Anna descreve o momento de transição da revista para o trabalho que passa a ser desenvolvido no *Suplemento* até chegar à fase do livro:

Vejo na nossa geração uma ânsia de honestidade. Honestidade no bom sentido da palavra- não a honestidade desonesta do padrão aceito. Por isso a revista *Estória* foi um acontecimento importante. Algum dia ainda vão ler *Estória*. Ali está o inconformismo em estado bruto, intuitivo. Este foi o grande papel da revista. Depois ela desapareceu, menos por problemas financeiros que pela superação da fase heróica e catártica. Agora o pessoal, amenizando seus fantasmas interiores, já se preocupa com um trabalho a prazo médio, com maior rigor estético. Não o esteticismo, mas a concisão e o rigor que permitem uma melhor focalização dos problemas. Todo conhecimento é linguagem. É preciso dominar as palavras. Assim entramos na fase do livro.<sup>4</sup>

Vale ressaltar que Sant'Anna acabara de publicar seu primeiro livro, *O sobrevivente*, a condição que o escritor alegava ser a que vivia ele, assim como os homens de sua época.

O número seguinte traz *Carlos Roberto Pellegrino: pela mágica do absurdo*, um escritor que possui uma estética um pouco divergente da dos *novos*, por estar ligado ao Realismo Fantástico, “ainda uma grande área quase inexplorada na ficção brasileira” (WERNECK et PELLEGRINO, 1969c, p. 6-7), dizia-se então. Vale ressaltar que o *guru* daqueles jovens escritores, Murilo Rubião, instaura um processo criativo que foi associado ao Realismo Fantástico, mas não encontrou muitos seguidores entre os contistas aqui destacados nessa dissertação. Segundo Pellegrino, a literatura de cunho fantástico alcançou grande notoriedade nos outros países da América Latina, mas não teve repercussão no Brasil. O jovem escritor aponta que “a esperança possível está nos novos, que vêm pondo em questão tudo quanto esteja estabelecido. Mas os novos ainda não compareceram como geração.”

### 2. *Os novos de toda parte*

A série *O escritor mineiro quando jovem* foi publicada até o número 175 do *Suplemento*, quando, a partir daí, deu espaço à série *Os Novos de toda parte*. Realizada pelos mesmos escritores, ela representa uma expansão geográfica da série anterior, sem deixar de lado os autores mineiros. Notando uma tendência nacional de reformulação da literatura, agrega novas vozes de diferentes localidades. A mesma numeração da série anterior foi mantida. Portanto, a primeira entrevista teve como número o XV e foi realizada com a escritora Eliane Zagury. Em seqüência, vieram Luís Marques Vianna, Ariel Marques, José Guilherme Merquior, Moacyr Scliar, Afonso Henriques Neto, Lucienne Samôr, Anderson Braga Horta, Duílio Gomes, Miguel Jorge, Myriam Campello, Farida Issa, Antônio Carlos Braga, Elias José, Ivan Rocha, Caio Fernando Abreu, Walden Carvalho, Oswaldo André de Mello, tendo término em novembro de 1970.

O que se nota, de modo geral, nas duas séries abordadas até agora, é que esses autores exigem uma “liberdade total”, no campo da crítica e da criação. No discurso dos autores entrevistados para essas duas séries, o tema da liberdade é tão recorrente quanto a necessidade de estar atento ao mundo à sua volta. Na

<sup>4</sup> WERNECK et PELLEGRINO, 1969b, p. 6-7.

impossibilidade de se desviarem dos acontecimentos dos anos 60 e 70, uma realidade sufocante lhes é imposta. Assim, o tema da literatura participante se lhes é colocada, mas eles se recusam a trazer uma representação mimética daquele momento histórico à sua ficção, participando daquele contexto de outro modo. Concebe-se a literatura como o reflexo de seu tempo, estabelecendo, como afirma, um diálogo com a literatura de outros países da América Latina, que viviam uma realidade política semelhante à brasileira.

### 3. Situação do conto brasileiro moderno

Em fevereiro de 1981, teve início, no SLMG, a série *Situação do conto brasileiro moderno*, que foi publicada até novembro do mesmo ano. Embora ela não pertença ao mesmo momento que as séries anteriores, tratou de escritores e visões da literatura que são interessantes para este estudo. Ela consistiu de um questionário enviado a vários escritores, no intuito de se discutir acerca do conto brasileiro moderno, “com liberdade de serem extrapolados os temas propostos” (Cf. GOMES, 1981, p.1. ). Estes escritores foram: Duílio Gomes, Caio Porfírio Carneiro, Jurandir Ferreira, João Antônio, Manoel Lobato, Assis Brasil, Elisa Lispector, Cid Seixas, Edilberto Coutinho, Miguel Jorge, Elias José, Euclides Marques Andrade, Danilo Gomes e Almeida Fischer. As perguntas diziam respeito a: (1) o conceito de conto que teria cada um desses escritores; (2) a característica essencial do conto então; (3) qual componente do conto seria mais importante, o “tema” ou a “linguagem”; (4) o que se pensa sobre a afirmação de Donald Barthelme de o conto sempre buscar seu ponto final; e, (5) finalmente, interrogava se criam em um possível apogeu do conto no Brasil, nas décadas anteriores, e suas possíveis razões.

Faz-se necessário retomar outra polêmica, dessa vez do ano de 1938, surgida na *Revista Acadêmica*, e apontada por Mário de Andrade (ANDRADE, 2002, p.9)<sup>5</sup> em seu ensaio *Contos e Contistas*<sup>6</sup>. Aquela revista trouxe um inquérito “na ingênua esperança de saber qual (sic) os dez melhores contos brasileiros”. A revista recebia sugestões de seus leitores e foi incapaz de alcançar uma unanimidade. Mário acrescenta à frente: “O que é conto? Alguns dos escritores do inquérito se têm preocupado com este inábil problema de estética literária. Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”. Ao fim do artigo, o poeta e contista conclui: “E volta a pergunta angustiada: o que é conto? Em arte, a forma há de prevalecer sempre esteticamente sobre o assunto. O que esses autores descobriram foi a forma do conto, indefinível, insondável, irreduzível a receitas.” Quarenta anos após a publicação deste artigo, ele continuou sendo resgatado por vários ficcionistas ao serem questionados sobre a forma do conto, como se verá nessa série sobre a qual falo agora, fosse para rechaçar seu pensamento ou corroborar com ele.

Assim como ocorre na série os *O escritor mineiro quando jovem* e *Os novos de toda parte*, aparecem, nessa série, opiniões bastante divergentes, escritores que se comprometem em efetuar uma mudança em seu tempo, outros que se prestam a efetuar uma mudança na história da literatura, outros que não se comprometem com absolutamente nada, além de escrever por escrever. Há, ainda, escritores que têm uma visão ampla de mundo, literatura e manifestações artísticas, e outros que traziam preconceitos e reacionarismos com formas então menos institucionalizadas da literatura, como tratar o cordel como uma forma “distante da perfeição” ou repudiar os quadrinhos. Alguns autores dialogam com as teorias do gênero com bastante consciência do que fazem. Mas até aí, nada de novo foi proposto em termos teóricos para a *evolução* do gênero ou como se deram as experiências no conto naquele semanário.

### 4. Outras duas séries

*O fantástico no conto brasileiro contemporâneo*, publicada entre maio e junho de 1981, foi escrita por Pedro Carlos L. Fonseca. Em um diferente momento do jornal, no qual já não lançava escritores, mas revisitava suas obras, os editores do periódico ressaltavam:

Consideramos importante a publicação desta série de estudos do Professor Pedro Carlos L. Fonseca, da Universidade do Novo México, USA, assim pelo seu próprio valor, como também por coincidir com o momento em que o SLMG

<sup>5</sup> Vale notar que Nádia Battella Gotlib também aponta em *Teoria do conto* a visão do Modernista sobre o gênero. Cf. GOTLIB, 2003, p.9.

<sup>6</sup> Este ensaio encontra-se no livro *O Empalhador de Passarinhos*, e sua publicação foi atribuída ao *Suplemento Literário* do jornal carioca *Diário de Notícias*. Contudo, Mário colabora neste jornal apenas a partir de 5 de março de 1939. Acredito que este ensaio tenha sido publicado na própria *Revista Acadêmica* na qual é levantado o debate.

procura realizar um processo do moderno conto brasileiro, tomando o depoimento de contistas e especialistas no gênero.<sup>7</sup>

Esta série é composta por ensaios que versam sobre a utilização do fantástico na literatura brasileira por três escritores. Seus títulos são *Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*, *Moacyr Scliar e o reducionismo fantástico* e *José J. Veiga e o fantástico da inocência organizada*. O cunho dessa crítica é essencialmente acadêmico.

Houve, em junho de 1987, outro resgate da produção ficcional do conto brasileiro, *O conto brasileiro contemporâneo*, desta vez por Renard Perez, mas com apenas dois números. Na verdade esta série foi originalmente uma conferência ministrada na universidade de Tucson, no Arizona (EUA), que se propunha revisar o conto brasileiro de Machado de Assis à nova geração de contistas da década de 1970. Perde em verticalidade, mas fornece um panorama detalhado até a década de 1960.

## 5. *O conto atual*

Em setembro de 1970, surge a série *O conto atual*. Diferente das duas anteriores, que tinham como proposta mostrar o trabalho da nascente geração de escritores, esta série propõe, de modo peculiar, uma *plataforma às avessas* de confecção de contos para os escritores que surgiam na década de 60. É composta de seis ensaios redigidos por um mesmo autor, Luís Gonzaga Vieira, e foi publicada até outubro de 1970. Nesta série, Vieira propõe uma reflexão acerca do conto, mostra como este vinha sendo trabalhado em seu tempo e, ainda, lança propostas estéticas de seu grupo. A temática abordada nos ensaios é levada à exaustão, o que justificaria o cunho prescritivista de um texto que tem por objetivo militar a favor de uma nova literatura, adquirindo assim um tom de manifesto.

Acredito que, ao optar por um gênero de escrita específico em detrimento de outro, especialmente quando o que os difere é, antes de tudo, sua extensão (romance *versus* conto), os elementos formais seriam de suma importância para esta nova geração. Considerando-se que tais críticos ficcionistas demonstravam alguma intimidade com as teorias do conto, poder-se-ia esperar que a *forma* de seus contos tivesse matizes próprios que os caracterizassem como peculiares de sua geração, o que seria bastante natural, vindo de um grupo que visava romper com algo já preestabelecido.

Devo apontar que as noções de *forma* e *conteúdo* estão sendo usadas aqui em função de sua utilização pelo autor da série. Vieira, ao adotar uma crítica de cunho impressionista, ignora a Crítica Estruturalista que já havia encontrado seu auge, em meados dos anos 60, no Brasil. No entanto, o único elemento “formal” a que se refere Vieira diz respeito à sua extensão, podendo este também ser ignorado se assim for o desejo de seu criador. Vieira evoca um “existencialismo literário” para justificar a postura de seus contemporâneos, referindo-se a uma “inquietação generalizada e um cansaço de formas antigas”(VIEIRA, 1970a, p. 10-11), que levava o conto, em um passado recente àquele da enunciação, a um “beco sem saída”. Situação esta que, segundo Vieira, configuraria o mundo naquele mesmo momento e que refletiria, “consciente ou inconscientemente” (VIEIRA, 1970e, p. 8), na obra dos novos contistas.

Ao longo da série de ensaios *O conto atual*, foram apontados os elementos que constituiriam uma situação definida por seu autor (VIEIRA, 1970b, p.10) como “beco sem saída”. Dentre eles vêem-se: ameaça de guerra nuclear, guerra fria, “outras guerras não declaradas”, “a realidade vista de frente e sem subterfúgios”, “uma infinidade de problemas que a civilização provocou”, a “conscientização de um maior número de pessoas ao lado da maioria silenciosa”, esta, menção tacanha à situação política do Brasil.

De acordo com Vieira, todas as obras literárias eram feitas “[n]esta tensão, dentro desse clima e, mesmo assim, nossos escritores conseguem escrever grandes livros, embora cada vez mais ‘desfigurados’ do modelo antigo” (VIEIRA, 1970b, p.10). Afirmo que, não “mesmo assim”, mas justamente em função disto, a literatura pós-64 tem esta feição. Esta “tensão” é uma espécie de força motriz, única possibilidade de transgressão para os escritores de então que viam a literatura “como reflexo mais direto da humanidade”. Por isto mesmo Luiz Gonzaga Vieira justifica uma tendência ao existencialismo na postura de seus contemporâneos, ressaltando que o individualismo e o subjetivismo não são “uma simples viagem em torno de si mesmos, mas são uma afirmação a favor da pessoa e contra a massificação e o desfiguramento de cada ser humano.” (VIEIRA, 1970a, p. 10-11).

<sup>7</sup> FONSECA, 1981, p.6.

Assim, vão sendo traçados elementos que comporiam parte da temática dessa nova estética, que se vale do subjetivismo como elemento chave para sua configuração. O autor de *O conto atual* sustenta, portanto, uma proposta de ruptura *formal* de cunho ideológico.

Se estes autores habitam um mundo de forte tensão existencial e almejam conscientizar e despertar seus leitores, não podem conceber uma maneira pacífica e passiva de atingi-los: “não pensamos em agradar, pelo contrário, pensamos em agredir, refletindo nosso mundo que também é uma agressão e uma violação constantes”(VIEIRA, 1970d, p.8). Essa postura existencialista, portanto, não se manifesta apenas no “sujeito-personagem”, mas também no “sujeito-escritor”. Portanto, o próprio exercício criador se firma como uma prática da existência que vem romper com tudo aquilo que sufoca ou reprime o autor no momento da criação literária, almejando a liberdade para escrever como e o que desejar.

Estes escritores assumidamente colocam em segundo plano o enredo de ações concatenadas, experimentando “uma impressão por assim dizer atmosférica” (VIEIRA, 1970d, p.8). Retiram de seu meio o objeto de sua obra, possibilitando a representação de um complexo *mundo interior*. Vieira afirma, assim, que as questões da existência tornavam-se estéticas, por não existir então “uma questão literária, mas uma questão existencial.”(VIEIRA, 1970a, p.10-11.)

De modo geral, o discurso de Vieira se estabelece em consonância com o que se disse acerca do conto nas séries abordadas neste estudo. Os principais aspectos do conto dos anos 60 e 70 a que se referiram os contistas do *Suplemento* dizem respeito à liberdade de criação e à necessidade de se trazer à prática criativa elementos da vivência. A época em que viviam deveria, de alguma forma, refletir em sua literatura.

O discurso iconoclasta de Vieira se constrói, principalmente, sobre a oposição à normatização e à repetição de formas fixas no campo dos gêneros literários. O crítico apregoa uma abolição dos limites do conto, mostrando-se contrário aos teóricos que delimitaram o gênero. Além disso, propõe que as obras revelem o tempo e o espaço no qual estão inseridos os escritores. Tendo em vista o momento histórico vivido pelos contistas, a repressão gerava uma necessidade de posicionamento do escritor, sem que a obra fosse um reflexo da militância política.

Quando pensavam na transgressão do conto, os *novos* traziam essa idéia para o discurso crítico sobre o conto. A exigência da liberdade que perpassa os textos críticos de Vieira, todos empenhados em não impor formas, é influenciada pelas condições de vida do homem, que vivia numa situação limite, culminando, como se verá em sua prosa, no deslimate da forma.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. Um país de contistas. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n.748, 31 jan. 1981. p.9.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Da teoria e da prática do conto. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, 7 abr. 1979. p. 6.
- BRASIL, Assis. *A Nova Literatura III: O conto*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana/ MEC, 1975.
- GOMES, Duílio. Situação do conto brasileiro moderno I. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 752, fev. 1981, p. 1-2.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 210, 5 set. 1970a, p. 10-11.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual II. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 211, 12 set. 1970b, p. 10.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual III. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 212, 19 set. 1970c, p. 8.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual IV. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 216, 17 out. 1970d, p. 8.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual V. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 217, 24 out. 1970e, p. 8.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual VI. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 218, 31 out. 1970f, p. 8.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores de Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WERNECK, Humberto; PELLEGRINO, Carlos Roberto. O escritor mineiro quando jovem I: Luís Gonzaga Vieira: por uma literatura mal-comportada. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n.152, jul. 1969a, p.6-7.

WERNECK, Humberto; PELLEGRINO, Carlos Roberto. O escritor mineiro quando jovem II: Sérgio Sant'Anna: o sobrevivente. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 153, ago.1969b, p.6-7.

WERNECK, Humberto; PELLEGRINO, Carlos Roberto. O escritor mineiro quando jovem III: Carlos Roberto Pellegrino: Pela mágica do absurdo. *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n.154, ago 1969c, p.6-7.